# Fatos importantes sobre a cooperação EUA-África em saúde global

###### 07 de agosto de 2014

CASA BRANCA
Escritório do Secretário de Imprensa
Washington, DC
4 de agosto de 2014

**INFORMATIVO**

**Cooperação entre EUA e África em saúde global**

Os Estados Unidos há décadas investiram na saúde das populações da África, ajudaram a capacitar seus profissionais de saúde e ciência, e firmaram parcerias com a África para enfrentar desafios comuns. Na condição de maior doador do mundo para a saúde global, estamos comprometidos a trabalhar com os governos africanos para melhorar a saúde de seus cidadãos e para cumprir a meta de alcançar uma geração sem Aids, acabando com as mortes evitáveis materno-infantis, aumentando a segurança da saúde global por intermédio da prevenção, detecção e resposta à ameaças de doenças infecciosas, e do apoio a países à medida que investem na saúde de seus próprios cidadãos.

Os Estados Unidos saúdam os ganhos incríveis em saúde que a África tem alcançado ao longo dos últimos 20 anos: a ocorrência de HIV foi reduzida pela metade; as mortes decorrentes de tuberculose (TB) e malária sofreram redução de 40% e 30%, respectivamente; 50% menos mulheres morrem durante o parto; e 50 milhões de crianças foram salvas graças a um melhor acesso à assistência médica primária, melhores redes de fornecimento de medicamentos e acesso a profissionais de saúde qualificados. Em particular, saudamos o fato de que os governos africanos continuam a aumentar seus próprios investimentos nacionais em saúde pública, e a trabalhar conosco e com outros parceiros para desenvolver os sistemas públicos de saúde sustentáveis e eficazes que podem servir os interesses de seu povo e estabelecer as bases para o crescimento econômico forte e inclusivo.

Entretanto, ainda há muito a ser feito. Em 2013, 1,9 milhão de pessoas foram infectadas com o HIV; 207 milhões foram diagnosticadas com malária; e uma em cada dez crianças não atingiram o seu quinto aniversário. Entre dois e três milhões de crianças morrem anualmente de doenças que podem ser evitadas com vacinação. As mulheres sofrem em uma proporção maior da capacidade inadequada do sistema de saúde; 25% das mulheres em idade reprodutiva que são casadas ou em uma união possuem uma necessidade não atendida de planejamento familiar e 287 mil mulheres morrem durante o parto. As doenças não transmissíveis (DNTs) também estão em alta e as doenças cardíacas são a principal causa de morte na África.

O atual surto de ebola na África Ocidental sublinha a necessidade de reforçar as capacidades da África de prevenir o surgimento de ameaças globais à saúde, de detectar as ameaças precocemente, e de responder rapidamente e de forma eficaz. Em conjunto com nossos parceiros na Libéria, em Serra Leoa e na Guiné, na Organização Mundial de Saúde e em países de todo o mundo, os Estados Unidos estão respondendo com rapidez e eficácia. Estamos enviando mais especialistas de nossos Centros de Controle e Prevenção de Doenças para aumentar a equipe que tem estado in loco desde março, e que trabalhará com parceiros para controlar o surto à medida que aumentamos a assistência aos necessitados agora. Enquanto a crise diminui, os Estados Unidos acolherão nossos parceiros internacionais de saúde global e regional a fim de considerar como podemos juntos “reconstruir” e acelerar a recuperação do setor público de saúde desses países.

**Progresso visando uma geração sem Aids**

A meta de alcançar uma geração sem Aids é uma responsabilidade compartilhada e os Estados Unidos têm um compromisso inabalável de trabalhar com países africanos para chegar a esse objetivo. O Plano de Emergência do Presidente para Combate à Aids (Pepfar), lançado em 2003 pelo presidente George W. Bush e reforçado pelo presidente Obama, representa o compromisso dos Estados Unidos em combater a epidemia global do HIV e da Aids. Através da responsabilidade compartilhada e de investimentos inteligentes, o Pepfar está salvando vidas, constituindo famílias mais seguras e ajudando a estabilizar nações frágeis.

Os investimentos no Pepfar salvaram milhões de vidas, inclusive através do apoio ao tratamento antirretroviral para 6,7 milhões de pessoas (contra 1,7 milhão em 2008), e da prestação de intervenções para que 1,5 milhão de mulheres prevenissem a transmissão de mãe para filho ao longo dos últimos dois anos. Nossos últimos resultados demonstram um progresso contínuo. Somente no ano fiscal de 2013, o Pepfar apoiou a realização de testes de HIV e aconselhamento para mais de 12,8 milhões de mulheres grávidas, que resultaram em 95% de bebês nascidos sem o HIV; apoiou 17 milhões de pessoas com cuidado e apoio, incluindo mais de 5 milhões de crianças órfãs e vulneráveis; e forneceu testes de HIV e aconselhamento para mais de 57,7 milhões de pessoas. O Pepfar também atingiu a meta do presidente do Dia Mundial contra a Aids 2011 de apoiar 4,7 milhões de homens com a circuncisão médica masculina voluntária (VMMC) para a prevenção do HIV até o final de 2013 e testemunhou o nascimento do milionésimo bebê sem HIV.

**Melhorando a saúde global e a sobrevivência infantil**

De 1990 a 2012, as mortes de crianças menores de 5 anos de idade caíram de 12,6 milhões para 6,6 milhões no mundo todo. Em junho de 2012, os governos da Etiópia, da Índia e dos Estados Unidos organizaram um fórum chamado Apelo à Ação para Sobrevivência Infantil, em colaboração com a UNICEF, para reunir indivíduos dos setores público-privado em apoio a uma meta global para pôr fim a mortes que podem ser evitadas até 2035 e para ser pioneiro em novas abordagens a fim de acelerar o progresso da saúde materno-infantil. Até o momento, 13 países africanos já lançaram estratégias nacionais apuradas, definiram metas nacionais e desenvolveram cartões de marcação para acompanhar o progresso. Eles identificaram as áreas em que ocorrem as mais altas taxas de mortalidade materno-infantil, e estão reduzindo essas taxas. Somente nos últimos dois anos, 24 países prioritários – dos quais 16 estão localizados na África – alcançaram uma redução de 8% na mortalidade de menores de cinco anos de idade, salvando 500 mil vidas. Finalmente, na última década, as taxas de mortalidade por malária em crianças africanas foram reduzidas em cerca de 54%, salvando 3,3 milhões de vidas ao longo da última década através da Iniciativa do Presidente para Combater a Malária e de parcerias com o Fundo Global de Combate à Aids, à Tuberculose e à Malária e de outros parceiros. Em abril de 2014, os ministros da Saúde africanos se comprometeram a pôr fim às mortes maternas, de recém-nascidos e infantis que podem ser evitadas na África durante a primeira Conferência Conjunta de Ministros da Saúde da OMS e da União Africana (UA).

Juntamente com nossos parceiros, os Estados Unidos estão trabalhando para reduzir as mortes infantis evitáveis para menos de 20 a cada mil nativivos e as mortes maternas para menos de 50 a cada 100 mil nativivos até 2035. Atingir essas metas salvará um adicional de 5 milhões de crianças a cada ano e diminuirá o número de mulheres que morrem de complicações decorrentes do parto em 75% anualmente. Em junho de 2014, a Agência dos EUA para o Desenvolvimento Internacional (USAID) e os governos da Etiópia e da Índia, em colaboração com a UNICEF, a Fundação Bill & Melinda Gates e outros parceiros, estiveram reunidos para um fórum de alto nível: Acting on the Call: Ending Preventable Child and Maternal Deaths(Respondendo à Chamada: Pondo Fim às Mortes Evitáveis Materno-Infantis, em tradução livre) para comemorar o progresso, avaliar os desafios que permanecem e identificar as medidas necessárias para manter o ímpeto sobre ações concretas. O Relatório Respondendo à Chamada delineou os compromissos dos EUA e as ações necessárias em 16 países na África. O governo dos EUA se comprometeu a realinhar recursos atrás de estratégias que salvarão até meio milhão de crianças nos próximos três anos. Além disso, a USAID anunciou mais de US$ 600 milhões em novas parcerias e prêmios com mais de 26 parceiros. Daqui para a frente, os Estados Unidos se juntarão a nossos aliados africanos para reunir novos parceiros, recursos e financiamento visando salvar a vida de 8 milhões de crianças e de 350 mil mães até 2020.

Reduções significativas na incidência da malária na África Subsaariana resultaram em uma diminuição na mortalidade por malária em um terço desde 2000. Os investimentos do governo dos Estados Unidos através da Iniciativa do Presidente de Combate à Malária (PMI) e contribuições para o Fundo Global de Combate à Aids, à Tuberculose e à Malária, em conjunto com investimentos de governos de países-sede e aqueles de outros parceiros de desenvolvimento, resultaram em 3,3 milhões de vidas salvas por meio do aumento da escalada das intervenções de controle da malária durante a última década.

**Acelerando a ação para prevenir, detectar e responder a doenças infecciosas**

Em 13 de fevereiro, 29 países, a União Europeia, a Organização Mundial da Saúde, a Organização de Saúde Animal, e a Organização da Nações Unidas para Agricultura e Alimentação lançaram a Agenda de Segurança da Saúde Global (GHSA). A GHSA representa um esforço para acelerar o progresso mensurável nos próximos cinco anos visando um mundo seguro e protegido de ameaças de doenças infecciosas, quer tenham origem natural, intencional ou acidental. A GHSA apoia diretamente os Regulamentos Internacionais de Saúde da OMS, a Avaliação de Desempenho de Prestações de Serviços Veterinários da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) e outros quadros da GHSA. Em 26 de setembro de 2014, os EUA sediarão um evento da Casa Branca para reunir nações de todo o mundo que podem assumir um compromisso concreto e novo para acelerar as ações em um âmbito nacional, regional ou global.

Os Estados Unidos se comprometeram a trabalhar com no mínimo 30 países parceiros para promover a segurança de saúde global ao longo dos próximos cinco anos visando 12 metas específicas. Como um exemplo de como os EUA cumprirão esse compromisso, o governo dos EUA e países parceiros estão estabelecendo centros de operações de emergência, desenvolvendo sistemas de informações e reforçando a segurança laboratorial para mitigar as ameaças biológicas e desenvolver a capacitação de parceiros. Os Estados Unidos, em parceria com a União Africana, apoiarão os esforços para estabelecer um Centro Africano para Controle e Prevenção de Doenças (ACDCP), que dará continuidade ao apoio de longa data dos EUA por um setor de saúde e ciência cada vez mais capaz na África.

**Um compromisso abrangente – outras atividades de saúde global**

**Vacinas:** O governo dos EUA continua a se comprometer a combater doenças infecciosas e a investir em doenças imunopreveníveis. O número aproximado de mortes por sarampo diminuiu em torno de 88% entre 2000 e 2012. O governo dos EUA contribuiu com o desenvolvimento da vacina contra meningite MenAfriVac – e mais de 100 milhões de pessoas foram vacinadas em 10 países africanos. Alinhado com nossa parceria de longa data e eficaz com a Aliança Gavi, o governo dos EUA forneceu US$ 1,2 bilhão à Gavi até o momento. De 2001 a 2003, a Aliança Gavi firmou um compromisso de US$ 5,3 bilhões para fornecer vacinas que salvam vidas na África. A fim de acelerar o progresso no sentido de pôr fim às mortes materno-infantis até 2035, o governo Obama solicitou um aumento da sua contribuição anual para US$ 200 milhões ao ano.

**Doenças não transmissíveis (DNTs):**o ônus das DNTs aumentará na África em cerca de 30% nos próximos 10 anos, e se estima que doenças não transmissíveis liderem todas as causas de morte até 2030. O governo dos EUA colabora com governos em toda a África para tratar de DNTs através de uma série de iniciativas, incluindo: o Centro de Colaboração para Atividade Física e Saúde; o Programa de Treinamento em Epidemiologia de Campo; o Sistema de Vigilância Global de Tabaco; os Centros Colaborativos para Pesquisas Internacionais em Saúde Mental**(**CHIRMH); os Centros para Tratamento do Câncer para desenvolver capacidade de pesquisa relacionada ao câncer; a Iniciativa Hereditariedade Humana e Saúde na África (H3Africa); e a Aliança Global para Fogões com Energia Limpa. Através da Iniciativa para Usos Pacíficos da Agência Internacional de Energia Atômica, o governo dos Estados Unidos contribuiu com os esforços para expandir as capacidades para radioterapia e radiofarmácia nos centros para o tratamento do câncer na África. Os Estados Unidos apoiarão a entrega de 1 bilhão de tratamentos para DNTs na África até o final de 2015 através do Programa NTD, que mobiliza o setor farmacêutico para fazer doações de medicamentos.

**Detecção e tratamento da tuberculose:**as instituições africanas têm contribuído com novas informações sobre como diagnosticar e tratar pacientes com tuberculose, contribuindo para o desenvolvimento e o teste de uma nova ferramenta de diagnóstico para a tuberculose no local de prestação de cuidados que permite aos os profissionais da saúde diagnosticar a tuberculose e detectar resistência dentro de 90 minutos (Xpert MTB/RIF). O novo teste tem o potencial de transformar o diagnóstico da tuberculose e do tratamento alvo ao permitir que pacientes comecem o tratamento no mesmo dia, ao invés de aguardar resultados laboratoriais morosos, ou se submeter a terapias falhas antes que a resistência ao medicamento é diagnosticada. O novo produto foi distribuído para mais de 24 países desde 2011. Se um teste rápido melhorado fosse distribuído em todo o mundo, estima-se que 15 milhões de mortes relacionadas à tuberculose poderiam ser evitadas até 2050.

**Prevenção da meningite tipo A:**os Institutos Nacionais de Saúde (NIH) e múltiplos parceiros desenvolveram uma vacina acessível e de longa duração com o potencial de eliminar a epidemia de meningite da África Subsaariana. Organizações dos setores público-privado envolvidas incluem a Fundação Gates, a Path, o Instituto do Soro da Índia Ltda, a Organização Mundial de Saúde, a Aliança Global para Vacinas e Imunização, os NIH e o Centro da Agência de Controle de Alimentos e Medicamentos (FDA) para Avaliação e Pesquisa Biológica. O primeiro teste clínico foi lançado em 2005, realizado com instituições parceiras na Gâmbia, em Gana, no Mali e no Senegal. Seis meses após a introdução da vacina no início de 2011, Burkina Fasso, Mali e Níger reportaram o menor número de casos confirmados de meningite tipo A registrados durante uma temporada epidêmica. A vacina é considerada um dos primeiros sucessos do modelo de parceria público-privada para o desenvolvimento de produtos para doenças negligenciadas.

**Inovações na educação médica:**um componente significativo da cooperação dos NIH com a África é a Iniciativa Parceria de Educação Médica – uma parceria entre os NIH com o Escritório do Coordenador Global da Aids e da Administração de Serviços e Recursos em Saúde para apoiar abordagens inovadoras para a educação médica na África Subsaariana e para complementar empresas de pesquisa. O objetivo é criar capacidade de longo prazo em instituições educacionais da África para desenvolver a quantidade e a qualidade dos profissionais de saúde e cientistas, a ampliação da capacitação para cobrir não apenas o HIV, mas a saúde materno-infantil, as doenças não transmissíveis e outras prioridades nacionais. Os principais atributos incluem o desenvolvimento de currículos de base comunitária; a criação de locais de ensino rurais; as sinergias entre as atividades de pesquisa e a educação médica; e a remoção da falta de interação entre portadores e não portadores do HIV.

**Aplicando a pesquisa do genoma em doenças na África:**o projeto Hereditariedade e Saúde na África, ou H3Africa, desenvolvido em parceria com o Fundo Welcome e a Sociedade Africana para a Genética Humana, está ajudando os cientistas africanos a aproveitar as capacidades da medicina genômica para aprofundar os estudos sobre doenças que são importantes para a África, bem como para o restante do globo. Cientistas africanos estão estudando os contribuintes genéticos e ambientais para as doenças não transmissíveis e transmissíveis, como o microbioma humano contribui à saúde e à doença, as doenças mendelianas no continente e estudos farmacogenômicos com foco em africanos. O H3Africa também apoia a capacitação e o estudo de implicações sociais da medicina genômica. E a iniciativa para o avanço de novas descobertas de genes subjacentes da susceptibilidade da tuberculose e da malária, entre outras questões cruciais.

**Desenvolvimento de competências institucionais:**através de parcerias com instituições e governos africanos, os compromissos dos NIH de fortalecer a capacidade de pesquisa biomédica têm criado um grupo crescente de profissionais qualificados locais capazes de adaptar novas intervenções em programas de controle, e de prorrogar o impacto de estratégias comprovadas. É importante salientar que esse apoio tem criado incentivos para permanecer no país. O desenvolvimento da base de talento científico acelerou o desenvolvimento clínico e a entrega de novas estratégias preventivas, terapêuticas e de diagnósticos para problemas de saúde endêmicos, como mencionado acima. E permitiu que comunidades locais alcançassem melhores resultados em saúde, melhorassem a prestação de serviços e desenvolvessem sistemas de mais baixo custo por intermédio de pesquisas conduzidas in loco. Além disso, os profissionais treinados dos NIH atuam agora como sentinelas para novos problemas de saúde à medida que possam surgir, representando uma linha de frente na identificação e controle de doenças emergentes.

Read more: <http://iipdigital.usembassy.gov/st/portuguese/texttrans/2014/08/20140807305289.html#ixzz3AGJNXMgt>